



Foto: Maria Simões



REVISTA DO INSTITUTO  
HISTÓRICO E GEOGRÁFICO  
DO RIO GRANDE DO NORTE

FUNDADO EM 29 DE MARÇO DE 1902

Nº 98

2019

**Catálogo da publicação na fonte.**  
**Bibliotecária Verônica Pinheiro da Silva - CRB 15/692.**

---

Revista do Instituto Histórico e Geográfico do RN / Instituto Histórico e Geográfico do RN. - v. 1 (1903). Offset Gráfica. Natal: IHGRN, 1903.

v. 98 (Julho de 2019).

306 p.:il.

ISSN: 2526-4958

Trimestral

1. História - periódico. 2. Geografia. 3. Genealogia. 4. Antropologia. 5. Rio Grande do Norte. I. Instituto Histórico e Geográfico do RN.

CDU 9 (813.2)

- 7 Editorial  
*Gustavo Sobral*
- 9 A educação popular no Rio Grande do Norte  
*Marlúcia Menezes de Paiva*
- 17 O orago da Paróquia de Jucurutu  
*Padre João Medeiros Filho*
- 24 Paróquia e Igreja de Santa Luzia de Mossoró  
*Padre João Medeiros Filho*
- 32 Uma história do açúcar  
*Gustavo Sobral*
- 51 Câmara Cascudo, intérprete do Brasil  
*Daliana Cascudo Roberti Leite*
- 57 De uma viagem ao sertão  
*Humberto Hermenegildo de Araújo*
- 67 Cascudo e o cangaço  
*Honório de Medeiros*
- 82 Lembrança de Alvamar  
*Eider Furtado*
- 85 O Desembargador Luis Tavares de Lyra e a justiça eleitoral do Rio Grande do Norte  
*Armando Roberto Holanda Leite*
- 93 **Cronologia Zila Mamede 1953-2018**
- 95 Zila Mamede  
*Gildete Moura de Figueiredo*
- 117 O caderno de Manoel Hemetério Raposo de Melo: Transcrição, introdução e notas  
*André Felipe Pignataro Furtado de Mendonça e Menezes*

- 131 Discurso do Presidente na posse dos novos sócios em 11 de junho de 2018  
*Ormuz Barbalho Simonetti*
- 134 Discurso do orador em saudação aos novos sócios em 11 de junho de 2018  
*Lívio Oliveira*
- 137 Discurso do orador em saudação aos novos sócios em 12 de setembro de 2018  
*Lívio Oliveira*
- 139 Roger Chartier, uma ilustre presença  
*Roselia Cristina de Oliveira, sócia do IHGRN*
- 141 **Dossiê temático Municípios do Rio Grande do Norte**
- 143 Alexandria  
*George Antônio Veras*
- 146 O município de Baraúna: sua história  
*Valdeci dos Santos Júnior*
- 148 Bom Jesus: origem e emancipação  
**Reginaldo Teixeira Nóbrega**
- 153 Breve histórico do município de Brejinho/RN  
**Maria Iranete dos Prazeres Viegas**
- 156 Carnaúba dos Dantas: fragmentos de sua história do passado ao presente  
*Maria da Paz Medeiros Dantas*  
*José Rafael Medeiros Dantas*
- 161 Uma breve história de Carnaubais  
**Luiz Lucas Fonseca Neto**
- 166 Cerro Corá: cidade menina, mãe do rio Potengi!  
**Josenildo Pinheiro da Silva**
- 170 Origem e povoamento do município de Coronel João Pessoa  
**Nivalda Maria Gama Pessoa**
- 173 Espelho da história cruzetense  
**Renilda Medeiros**

- 176 Currais Novos: a princesa do Seridó  
**Yuma Ferreira**
- 181 Município de Equador  
**Bernadete Batista de Oliveira**
- 185 Japi  
*Edson Batista dos Santos*
- 189 História do município de João Câmara  
*Aldo Torquato*
- 193 Janduís: berço de lutas e vitórias  
*Valdécio Fernandes Rocha*  
*Maria de Fátima Oliveira Fernandes*
- 198 Jundiá  
*Antenor Mario da Silva*
- 200 Lagoa de Pedras: a história que não pode se perder no tempo  
*Jayane Maely Fernandes da Silva*
- 203 Lagoa de Velhos  
*Osvágrio Ferreira de Oliveira*
- 207 Monte Alegre: pelas cartas dos irmãos João de Paiva e Theodósio Paiva  
*Murilo Paiva Lopes*
- 212 Na boca do povo, Campo Grande sempre foi Campo Grande  
*Antônio Liberato Junior*
- 216 Nísia floresta - o município terra do camarão e do baobá  
*Gutenberg Costa*
- 222 Parnamirim  
*Andreia Regina Moura Mendes*
- 225 Passa e Fica: história, educação e religiosidade  
*Braz Faustino*
- 228 Passagem: a melhor travessia que virou cidade  
*Antônio Cesário*
- 232 Breve relato de Patu  
*Petronilo Hemetério Filho*

- 235 Origem e evolução da história de Rafael Godeiro  
*Francisco de Assis de Barros*
- 238 Nas ribeiras históricas do Riacho da Cruz  
*Antônio Miranda de Freitas Júnior*
- 242 Histórico oficial do município de Rodolfo Fernandes  
*Murilo Maxiano Melo Araujo*
- 246 O município de Santana do Matos  
*Suely Magna de Carvalho Nobre Felipe*
- 250 São José de Campestre  
*Francisco de Assis da Silva*
- 253 São Rafael: a submersão de uma história por um falso progresso  
*Djalmir Arcanjo da Costa*
- 257 Serra Negra do Norte  
*José Fabiano de Lima*
- 262 História de um pé de serra  
*Josenildo Lemos*
- 266 Sítio Novo: velhas histórias, novas perspectivas  
*Gilberth Gabriel*
- 270 O município de Taipu a época de sua emancipação  
*João Batista dos Santos*
- 273 Tangará: a cidade, o pastel e a cultura  
*Carlos Danilo da Silva Teixeira*
- 276 Venha-Ver Rio Grande do Norte  
*Miquéias Jacinto da Silva*
- 280 Vera Cruz - és semente de flor agreste  
*Maria de Fátima Viegas Gomes*

A história da educação e dois capítulos da história religiosa abrem a edição. O ensaio é parte da história do açúcar, apogeu e declínio no vale do Ceará-Mirim. Acompanha fotografias de um álbum particular. Inéditas. A homenagem a Cascudo desfila numa série de artigos e registros fotográficos da Semana Cascudo – acervo da Casa da Memória. Ele que foi o historiador maior. Nossas velhas figuras se apresentam: Alvamar Furtado de Mendonça e Tavares de Lyra. E publicamos a cronologia da bibliotecária Zila Mamede. O documento é o caderno pessoal do sócio fundador Manoel Hemetério Raposo de Melo que pela primeira vez vem a público e na íntegra. O movimento da Casa está nos discursos e no registro da visita de Roger Chartier. O dossiê municípios avança e a revista continua relevante e imprescindível quando o assunto é o Rio Grande do Norte. O editor.



# A educação popular no Rio Grande do Norte

## Marlúcia Menezes de Paiva

*Professora universitária e pesquisa a história da educação Brasil, com ênfase aos movimentos socioeducativos da Igreja Católica. Neste artigo, trata de Paulo Freire e a experiência de Angicos (1963).*

Neste artigo, estudamos a experiência em educação popular ocorrida em 1963, na cidade de Angicos (RN), a denominada “40 horas de Angicos”, quando o educador Paulo Freire experimentou pela primeira vez, em escala maior, o sistema de alfabetização nomeado “Método Paulo Freire”. Buscamos reconstituir historicamente a experiência, realçando as diversas particularidades que são peculiares aos movimentos de educação popular em regiões mais pobres, que sofrem a ingerência de forças mais conservadoras.

O momento histórico em que a experiência ocorreu, insere-se no período compreendido entre os anos de 1945 e 1964, considerado, no Brasil, de relativa abertura democrática. Essa abertura possibilitou o gradativo crescimento e organização da sociedade civil, em diversas frentes de lutas populares por reformas estruturais para o país, à época denominadas *reformas de base*, necessárias ao desenvolvimento econômico, social.

Uma dessas lutas expressou-se pela organização de movimentos em torno da educação e cultura popular, diante dos altos índices de analfabetismo no país<sup>1</sup>. No Rio Grande do Norte, Estado situado no nordeste do país, ocorreram entre os anos de 1945 e 1964, três experiências em educação popular: As Escolas Radiofônicas/MEB (1958), a Campanha de “pé no chão também se aprende a ler” (1961) e a denominada “40 horas de Angicos” (1963). Todas apontavam para uma prática de libertação das condições de exploração do homem, possibilitando, como diz Freire (1979), uma tomada de consciência da realidade e uma consciência de si.

---

<sup>1</sup> Para uma população de 15 anos ou mais, em 1950 o índice de analfabetismo era de 50,6% e em 1960 de 39,7%. Fonte: IBGE, Censo Demográfico.

Paulo Freire, advogado de formação e educador pela prática pedagógica, iniciou sua vida profissional como professor de língua portuguesa. Depois, dedicou-se a trabalhos ligados à educação e cultura no Serviço Social da Indústria-SESI e, em seguida, ao Departamento de Documentação e Cultura da Prefeitura do Recife/PE, em 1961. Foram seus primeiros contatos com os processos populares de cultura.

Á época, Miguel Arraes, político de tendência à esquerda, então prefeito da cidade do Recife/PE, idealizou uma comissão com o objetivo de desenvolver um plano de escolarização para crianças e adolescentes carentes, depois estendido para adultos, utilizando como ferramenta principal a cultura popular, por meio de música, teatro, entre outras, ouvindo as populações envolvidas no processo de alfabetização.

Esse movimento recebeu a denominação de Movimento de Cultura Popular-MCP e foi gerado além dos muros da escola. Paulo Freire não participou do início desse movimento, integrou-se depois como coordenador do setor de pesquisa, seu coordenador foi o educador Germano Coelho. Mas, podemos afirmar que foi a partir das atividades desenvolvidas pelo MCP que suas ideias básicas foram gestadas, particularmente no Centro de Cultura Dona Olegarina, nas atividades do seu Círculo de Cultura, em Recife.

Paralelo a essas atividades, na cidade do Natal, em 1961, fora eleito prefeito Djalma Maranhão, político progressista, também ligado às esquerdas, cujo bloco de poder mantinha relações políticas com o Governo da vizinha cidade do Recife/PE. Houve troca de informações no plano educacional, inclusive a Cartilha de Alfabetização elaborada pelo MCP de Recife foi utilizada na Campanha de Alfabetização de Natal. Mas, até esse momento, Paulo Freire não participava ativamente nesses movimentos.

No Rio Grande do Norte, para o governo do Estado, foi eleito Aluízio Alves, em coligação com Djalma Maranhão, então candidato à prefeitura de Natal, aliança logo rompida por incompatibilidade de gestão e de posicionamentos políticos, o primeiro, conservador, o segundo, progressista.

Por interferência dos Secretários de Educação do Estado, Calazans Fernandes, e do Município, Moacyr de Góes, foi realizado convite a Paulo Freire para desenvolver uma experiência de alfabetização de jovens e adultos no Rio Grande do Norte.

O educador, que naquele momento pertencia aos quadros da Universidade do Recife, vinha atuando junto ao Movimento de Cultura Popular-MCP, do Recife, no setor de educação e cultura do SESI e nas atividades de Extensão na Universidade do Recife pondo em prática, em pequenos grupos, uma nova forma de alfabetizar.

Freire aceitou o convite, mas impôs a condição de escolher os alfabetizadores com os quais iria trabalhar. Talvez sabedor que a experiência seria financiada pela Aliança para o Progresso tenha se preocupado com possíveis interferências externas<sup>2</sup>.

O local, a cidade de Angicos, foi escolhido pelo Governador, muito provavelmente, por ser sua terra natal. Angicos era uma pequena e pobre cidade do sertão do Rio Grande do Norte. Apresentava altos índices de analfabetismo, cerca de 70%. A economia da cidade girava em torno da agropecuária: cultivo do algodão e criação de caprinos. No entanto, isso era comum em toda a região, Angicos não era exceção.

Carlos Lyra (1996), um dos alfabetizadores, que também coordenou as atividades pedagógicas da experiência, como representante da Secretaria de Educação do Estado do RN, em seu livro, “As 40 horas de Angicos: uma experiência pioneira de educação” (1966), nos conta que, recrutados os alfabetizadores, entre estudantes universitários e secundaristas, foi realizado um curso de formação, ministrado pelo Serviço de Extensão Cultural da Universidade do Recife, para treinamento desses monitores.

Nesse curso, receberam aulas, com disciplinas de sugestivos nomes: atualidade brasileira, economia brasileira, cultura brasileira, processo de desalienação, considerações gerais sobre método, análise e síntese, elaboração do material audiovisual: pesquisa vocabular, seleção das palavras geradoras e preparo de fichas, entre outras. Das nove disciplinas ofertadas, Paulo Freire foi o professor responsável por quatro delas, evidenciando seu protagonismo na execução das atividades para a nova experiência educacional.

Os alfabetizadores foram formados mesmo na prática, tanto anteriormente em suas vidas pessoais de participantes em movimentos sociais, como no dia a dia da experiência, pois diariamente, no início da manhã, eles se reuniam para discutir as atividades do dia anterior, observando o que ocorrera de positivo, ou pelo contrário, o que não ocorrera muito bem.

---

<sup>2</sup> O governo do Estado do RN havia criado o Serviço Cooperativo de Educação do Rio Grande do Norte-SECERN, órgão responsável por construções escolares, financiado pela USAID, e também responsável pelo financiamento da Experiência de Angicos.

Os alfabetizadores eram em número de vinte e um: oito homens e treze mulheres. Do total, dezenove eram alunos de cursos de nível superior e dois de nível secundário, um do antigo curso científico e um do curso ginásial.<sup>3</sup>

Os demais eram provenientes de cursos variados: 07 alfabetizadores eram estudantes de filosofia – Carlos Augusto Lyra Martins, Giselda Gomes de Salles, Lenira Leite, Rosali Liberato, Valdenice Correia Lima, Marlene Vasconcelos e Ilma Melo; 04 de direito – José Ribamar de Aguiar, Marcos José de Castro Guerra, Pedro Neves Cavalcanti e Walquíria Félix; 03 de medicina – Evanuel Elpídio da Silva, Maria Laly Carneiro e Geniberto Campos; 02 de serviço social, Maria do Carmo Correia Lima e Maria José Monteiro; 01 de farmácia, Dilma Ferreira Lima; 01 de odontologia, Margarida Magalhães; 01 de pedagogia, Maria Madalena Freire; 01 secundarista no curso Científico, Edilson Dias de Araújo e 01 no curso ginásial (4ª série), Talvani Guedes.

A particularidade da existência de apenas um alfabetizador estar cursando Pedagogia, se deu pelo fato desse curso ter sido oficialmente criado, na Universidade Federal do Rio Grande do Norte, em 1961. Antes, era parte integrante da Faculdade de Filosofia, curso pertencente a uma instituição estadual, responsável pela formação de professores, com a denominação de Curso de Filosofia.

Daí a alta incidência de alfabetizadores estudantes de filosofia. A única estudante de pedagogia era Madalena Freire, filha de Paulo Freire, estudante em Recife (PE), e que também participou da experiência de Angicos.

A etapa seguinte ocorreu com a preparação, na cidade de Angicos, da infraestrutura necessária para instalação e funcionamento do curso de alfabetização. Os jovens alfabetizadores dirigiram-se para aquela cidade, que distava cerca de duzentos quilômetros da capital do Estado, e logo iniciaram o reconhecimento do lugar, conversando com as pessoas, em suas casas, nas ruas, na fase da “pesquisa do universo vocabular”.

A construção do universo das denominadas “palavras geradoras” era um momento primordial para o bom andamento do processo alfabetizador. Conseguiram a adesão de trezentas pessoas, quer dizer, trezentas pessoas se matricularam, inclusive pessoas em estado prisional.

---

<sup>3</sup> Antes da reforma de ensino de 5692/1971, o ensino secundário no Brasil era dividido em ginásial (quatro anos) e colegial (três anos), este último ofertado nas modalidades de científico, mais voltado para as áreas exatas, e clássico, para a área das humanidades.

Em Angicos, nessa pesquisa, foram levantadas um grande número de palavras que, após seleção realizada, alcançou o seguinte resultado: belota, sapato, voto, povo, salina, feira, milho, goleiro, cozinha, tigela, jarra, fogão, chibanca, xique-xique, expresso, bilro e almofada.

As palavras, seguiram as orientações que já vinham das atividades do MCP. Na “Apresentação” do Livro de leitura para adultos do MCP, as autoras dizem:

*Das longas conversas com o povo, surgiram os centros de interesses fundamentais<sup>4</sup>, representativos das ideias básicas a serem debatidas em classe. Eram os temas que constituíam o universo de preocupação do adulto, no Recife. E foram, assim, relacionados: politização, sobrevivência, habitação, etc.*

*Utilizando-se a técnica de alfabetização, que parte da “palavra”, foram escolhidas as “palavras-chaves”. Estas são chamadas assim, porque além de encerrar as ideias significativas, apresentam, pela primeira vez, as sílabas que irão formar novas palavras. (2002, p.54)*

Paulo Freire, que de certa maneira participara das atividades do MCP, não inicialmente, mas, depois, integrando às suas atividades, espelhou-se em princípios que deram base às atividades de alfabetização do MCP. Em Angicos, as palavras geradoras escolhidas obedeceram a esses princípios. Às vezes, causa surpresa compreender qual o significado daquelas palavras para o povo de Angicos.

Praticamente todas, com exceção de voto, povo, goleiro e expresso, são palavras do seu cotidiano de trabalho. A mim, particularmente, causou surpresa a palavra **salina**. Por que essa palavra? Angicos é uma cidade do sertão, longe do mar. Aí vem a explicação: os agricultores de Angicos trabalhavam metade do ano na lavoura, no campo, no período chuvoso; na outra metade, ou quando a seca, ou falta de chuvas, grassava no sertão, eles dirigiam-se à Macau para trabalhar nas salinas.

Cidade próxima, à época com próspera indústria extrativa do sal marinho e com grande movimento de sindicatos. Voto e povo, faziam parte do vocabulário político, importante para a politização dos futuros alunos. Goleiro, personagem do futebol, esporte popular do Brasil, e, por último, a palavra expressa, que também tem uma explicação curiosa.

O ônibus era um dos poucos meios de transporte que ligava Angicos às cidades próximas. O ônibus que realizava esse serviço, era chamado de Expresso Cabral, este último era o nome do empresário, proprietário da empresa, o linguajar popular simplificou para “expresso”.

---

<sup>4</sup> Os centros de interesses fundamentais equivalem à Pesquisa do Universo Vocabular em Paulo Freire. Conservamos, neste texto, a grafia e os destaques originais.

Podemos observar que a escolha das palavras geradoras ressaltavam os fundamentos da prática cotidiana daquela população. Como dizia Certeau (1994, p. 38), “[...] a relação (sempre social) determina seus termos, e não o inverso, e que cada individualidade é o lugar onde atua uma pluralidade incoerente (e muitas vezes contraditória) de suas determinações relacionais.

O homem comum, o homem ordinário, modifica o que lhe é imposto, em uma cultura de resistência”. A aprendizagem da leitura, portanto, deveria contribuir para a emancipação daqueles homens e mulheres, ter relevância social, contribuindo para sua emancipação como seres humanos construtores de sua história, elevando seu nível de consciência política.

Ao lado desse aspecto, que consideramos o mais importante para o êxito da experiência, as palavras geradoras também obedeciam aos parâmetros pedagógicos para a facilitação da leitura: a) riqueza fonêmica; b) dificuldades fonéticas da língua; c) densidade pragmática do sentido.

Aspectos facilitadores para a alfabetização. De início, palavras não deveriam ter formas complexas, que dificultassem o ato de ler, a exemplo de palavras com mais de uma letra em cada sílaba, como queijo, entre outras. A escolha de belota, como primeira palavra para iniciar o processo de alfabetização, exemplifica essas orientações.

Em 18 de fevereiro de 1963, uma sexta-feira, foi aberto, oficialmente a experiência de alfabetização de Angicos, com a presença de autoridades, jornalistas, fotógrafos, os alfabetizadores, ou coordenadores dos Círculos de Cultura, pessoas da cidade e outros. (Lyra, 1996). Entretanto, por atraso na chegada do material didático, as aulas só tiveram início em 23 de fevereiro de 1963.

Após a escolha das palavras geradoras, o grupo de alfabetizadores, coordenado por Paulo Freire, iniciou a primeira aula desenvolvendo o conceito antropológico de cultura. Para essa etapa foram utilizadas as denominadas “fichas de cultura”.

No total, utilizaram nove fichas de cultura, materializadas em slides ou diapositivos, que eram projetadas por meio de projetores de slides, material tecnológico moderno para a época. Não existiam palavras nessa etapa, apenas imagens.

Segundo Lyra (1996, p. 16) “A televisão ainda não chegara em Angicos e a imagem do projetor de slides era um deslumbramento”. Uma grande novidade! As figuras eram da autoria de Francisco Brennand, famoso artista plástico pernambucano, representavam situações de contatos e transformações do homem X natureza, evidenciando as possíveis transformações que o homem, como dono de sua vida, de

sua história, pode construir partindo da natureza, situação posta sem a interferência do ser humano. Era o início do processo de conscientização.

Antes das atividades de alfabetização, a coordenação tentou identificar o nível de inteligência dos alunos, por meio da aplicação do Teste de Inteligência Não Verbal (INV), de Pierre Weil, com o objetivo de selecioná-los e agrupá-los em turmas, talvez por nível de conhecimento. Foi uma tentativa que, felizmente, não deu certo.

Os alunos não compreenderam a atividade e não conseguiram realizá-la a contento. Mas, esse fato demonstra o patamar ainda pouco desenvolvido das ideias de alfabetização de Paulo Freire, numa perspectiva libertadora, e a influência que a psicométrica exerceu na aprendizagem no século XX, no Brasil.

Foi uma demonstração clara de orientação positivista, quando o saber do educando está subordinado ao saber científico, sendo, portanto, mero objeto do educador, depósito de conteúdos, conteúdos esses muitas vezes distante de sua realidade. É o que, posteriormente, Freire nomeou de “educação bancária”.

Depois do trabalho com as fichas de cultura, em 28 de janeiro tiveram início as atividades da alfabetização propriamente dita. A primeira palavra geradora utilizada foi a palavra *belota*, objeto que faz parte da indumentária do vaqueiro nordestino<sup>5</sup>, que expressa o cotidiano do vaqueiro e também suas relações de trabalho.

Em sequência foi iniciada uma fase de repetição oral e decomposição da palavra por sílabas: *be lo ta*, e a apresentação das vogais, *a, e, i, o, u*. A seguir, são apresentadas as sílabas da palavra “*belota*”, acompanhadas de sua “família”: *ba, be, bi, bo, bu*, etc. Por último, a etapa denominada “*ficha da descoberta*”, com a reunião de todas as “famílias”:

*ba be bi bo bu*

*la le li lo lu*

*ta te ti to tu*

Nesse momento era trabalhada a leitura e a possível descoberta de novas palavras – com leitura vertical e horizontal das sílabas, no cartaz aonde estava escrita a “*ficha da descoberta*”. Também era o momento de discussão do seu significado na vida diária do trabalhador, com as consequências advindas das relações capitalistas de trabalho.

---

<sup>5</sup> Corruptela da palavra *bolota*, pequenos enfeites que podem ornar os chicotes dos vaqueiros, ou de varandas de redes de dormir, muito comum no sertão nordestino.

Essa atividade era bastante explorada pelos alfabetizadores, possibilitando debates sobre a vida dos alunos-trabalhadores. Aqui era acentuada a noção de Conscientização, em prosseguimento à etapa primeira das “fichas de cultura”. Esse mesmo processo ocorreu com todas as palavras geradoras selecionadas.

Ao final de quarenta horas de atividades, os trezentos<sup>6</sup> alunos foram capazes de ler e escrever palavras, sentenças, bem como escrever pequenas cartas. Um ato revolucionário no mundo da alfabetização. Mas, o mais importante é que esses trabalhadores-alunos, numa ação dialogal com seus professores-alfabetizadores conseguiram realizar uma nova leitura do mundo, onde eles não mais se viam como dominados, mas como senhores de suas vidas, de sua história, o processo de Conscientização.

Essa experiência educacional estudada, que ocorreu no Nordeste do Brasil, nas décadas de 1960, foi um dos movimentos sociais populares, de tendência nacionalista, com propostas de reformas sociais que, talvez, se não tivessem sido podadas, poderiam avançar mais em suas realizações. Foram movimentos liderados por intelectuais das camadas médias, católicos e não católicos, socialistas e não socialistas.

Apresentam um aspecto romântico, muitas vezes atribuindo à educação um papel equivocado de transformação, resquícius da crença iluminista nas potencialidades regeneradoras da educação (BEISIEGEL, 1974), mas também representaram momentos de libertação, de busca progressiva por uma sociedade mais justa e humanitária.

## Referências

- BEISIEGUEL, Celso de Rui. *Estado e Educação Popular*: um estudo sobre a educação de adultos. São Paulo: Pioneira, 1974.
- BRANDÃO, Carlos R. et al; organizador Paulo Rosas. *Paulo Freire*: educação e transformação social. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2002.
- CERTEAU, Michel. *A invenção do cotidiano*: artes de fazer. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.
- FREIRE, Paulo. *Educação como prática de liberdade*. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1971.
- \_\_\_\_\_. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.
- \_\_\_\_\_. *Conscientização*: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire. São Paulo: Cortez & Moraes, 1979.
- \_\_\_\_\_. *Extensão ou comunicação*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.
- LYRA, Carlos. *As quarenta horas de Angicos*: uma experiência pioneira de educação. São Paulo: Cortez, 1996.

<sup>6</sup> Não foi possível conseguir o número da evasão.